

OSWALD DE ANDRADE

Diário confessional

Organização

Manuel da Costa Pinto



Sumário

Apresentação — Manuel da Costa Pinto, 7

DIÁRIO CONFSSIONAL

1948, 31

1949, 99

1950, 185

1951, 223

1952, 331

1953, 451

1954, 499

A Antropofagia como visão do mundo — Oswald de Andrade, 511

Semana de 22, trinta anos — Oswald de Andrade, 553

Cronologia, 571

Apresentação

Manuel da Costa Pinto

Em 26 de agosto de 1951, o jornalista José Tavares de Miranda publicou, na *Folha da Manhã*, o relato de um encontro com Oswald de Andrade no qual informava que o escritor estava envolvido em duas novas obras:

Atualmente trabalha em um grande livro o qual considera o fim de sua obra. Trata-se de um ensaio de amplitude intitulado: *A Antropofagia como visão do mundo*, livro que se prende a sua tese para o concurso de professor de literatura brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, da qual é livre-docente da referida cadeira.

Oswald também escreve uma obra que será por certo um documento muito importante do nosso tempo. Trata-se do *Diário confessional*. Esse livro de memórias tem revelações surpreendentes [...].*

* O relato foi publicado como texto principal de uma breve entrevista intitulada “Traços de identidade”, reproduzida no livro *Os dentes do dragão* (São Paulo: Globo, 2009, p. 289). A tese a que se refere Tavares de Miranda é *A crise da filosofia messiânica*, escrita por Oswald com vistas ao concurso para a cadeira de filosofia da Universidade de São Paulo, e não de literatura brasileira, da qual ele se tornara livre-docente em 1945 com a tese *A Arcádia e a Inconfidência* — ambas publicadas em *A utopia antropofágica* (São Paulo: Globo, 2011).

As duas obras mencionadas por Tavares de Miranda permaneceriam inéditas até a publicação deste volume, que inclui tanto o *Diário confessional* quanto uma versão inacabada, porém consistente, de *A Antropofagia como visão do mundo*, além de reflexões de caráter fragmentário que Oswald de Andrade escreveu em 1952 sobre os trinta anos da Semana de Arte Moderna de 22.

O material permaneceu guardado todos esses anos em meio aos manuscritos do escritor — mais especificamente, em dezesseis cadernos pertencentes ao acervo particular de sua filha, Marília de Andrade. O conjunto inclui uma gama variada de anotações esparsas, esboços de textos (em especial para a coluna “Telefonema”, publicada no jornal *Correio da Manhã* entre 1944 e 1954, ano da morte de Oswald), fichamentos de livros e versões iniciais do primeiro volume de suas memórias, *Um homem sem profissão: Sob as ordens de mamãe*, e da série de artigos “A Marcha das Utopias”, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* de julho a setembro de 1953.

Os cadernos foram escritos entre 1948 e 1954, com exceção de *A Antropofagia como visão do mundo* e de um caderno em cuja página inicial Oswald escreve “A Antropofagia como ‘Philosophia Perennis’: Uma teoria do conflito — São Paulo 1946”, como se fosse o título de uma nova obra, mas que contém apenas anotações fragmentárias, citações e comentários sobre diferentes obras e autores, feitos entre 1946 e 1947.*

Pode-se afirmar, portanto, que a única obra que restou ao mesmo tempo inédita e completa no conjunto dos cadernos é o *Diário confessional*, que aparece em seis dos dezesseis cadernos, porém de forma descontínua: as partes referentes a 1948, por exemplo, estão divididas em dois cadernos, os mesmos que contêm as duas partes referentes a 1949, sendo que um desses volumes traz os registros de 1950, e assim por diante. Essa repartição caótica, bem ao estilo

* Numa das páginas do mesmo caderno, aparece ainda o título “O Antropófago — Ensaio de uma teoria do conflito”, seguido de algumas páginas de um texto que, contudo, não corresponde ao ensaio “O Antropófago”, publicado postumamente em *Estética e política* (São Paulo: Globo, 2011). Uma das raras referências ao texto “A Antropofagia como ‘Philosophia Perennis’” em obras de ou sobre Oswald de Andrade aparece na seção “Manuscritos inéditos” da bibliografia do livro *Obras escogidas*, organizado por Haroldo de Campos e K. David Jackson (Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1981), dando porém como data da escrita do material o ano de 1948. Ver: K. David Jackson, “Bibliografia”, em Oswald de Andrade. *Obra incompleta*. Ed. crítica. Coord. de Jorge Schwartz. São Paulo: Edusp, 2021, tomo II, pp. 1397-477. Col. Archivos 37.

indisciplinado de Oswald, exigiu assim um trabalho de montagem para restituir a sequência cronológica dos diários na presente edição.

Em duas ocasiões, Oswald de Andrade extraiu daí reflexões que desenvolveu e publicou na coluna “Telefonema”, reproduzidas no livro homônimo — duas dessas colunas trazem, aliás, os títulos “Diário confessional” (2 dez. 1949) e “Notas para o meu ‘Diário confessional’” (15 jun. 1951). Além disso, fragmentos dessa obra inédita, referentes aos anos de 1948 e 1949, foram publicados pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos e por Décio Pignatari na revista *Invenção* de dezembro de 1964, conforme indicado nesta edição. Trata-se, porém, de parcela muito restrita do conjunto.

Conforme dito acima, os cadernos nos quais Oswald trabalhava incluem uma miríade de anotações dispersas e sem data, sendo verossímil que considerasse muitas delas como pertencentes ao impulso memorialístico que está na origem do *Diário confessional*. Como, entretanto, é impossível determinar quais dessas anotações de fato poderiam representar uma marginália a ser incorporada pelo autor na versão final do diário, esta edição segue fielmente as indicações explícitas de Oswald. Ou seja, publica-se aqui a sequência de textos, com entradas de dia e mês entre 1948 e 1954, da forma indicada por ele em seu manuscrito, que demarca claramente o início e o fim dos diários com datas simbólicas: respectivamente, o aniversário de cinco anos de seu casamento com Maria Antonieta d’Alkmin (sua última mulher) e seu próprio aniversário de 64 anos.

Aparentemente, Oswald começou a fazer um registro cotidiano de suas vivências como ponto de partida para a elaboração de suas memórias. Essa intenção original é sugerida por um comentário que faz em *Um homem sem profissão*, no qual aparece a expressão “diário confessional”: “Antonio Candido diz que uma literatura só adquire maioridade com memórias, cartas e documentos pessoais e me fez jurar que tentarei escrever já este diário confessional”.

Entretanto, existe uma clara discrepância temporal entre o livro de memórias do autor (cujo primeiro e único volume concluído cobre o período de 1890 a 1919) e o diário publicado no presente livro, que começa em 1948 e traz poucas reminiscências de tempos pregressos. Se, portanto, a matéria que constitui *Um homem sem profissão* não está no *Diário confessional*, por que este seria base para aquele? Dessa forma, é possível especular que, uma vez reconstituídos os períodos anteriores das memórias (para as quais previa quatro ou

cinco volumes), Oswald utilizasse as anotações dos diários para compor o último volume, dedicado ao período posterior a 1945.

No encontro com Tavares de Miranda, contudo, Oswald já parece tratar o *Diário confessional* como livro autônomo, embora também seja possível que usasse a expressão para se referir às memórias, que até aquele momento ainda não haviam sido escritas em sua forma final. O fato é que temos duas obras: as *Memórias e confissões* (subtítulo de *Um homem sem profissão*, lançado poucos meses antes da morte do autor) e o até agora inédito *Diário confessional*. Ou seja, memória e diário funcionam como variantes formais e existenciais de um mesmo documento de “maioridade”.

Dito isso, o leitor notará que há no *Diário confessional* dois períodos lacunares: a parte referente a 1950 vai apenas de janeiro a agosto, e aquela correspondente a 1953 não traz anotações entre os meses de fevereiro e julho. Neste último caso, o motivo da interrupção é explícito: no dia de seu aniversário, 11 de janeiro, Oswald decreta o fim dos diários, apenas para retomar sua escrita em 7 de agosto do mesmo ano (com a anotação “Diário novo”), prosseguindo até 11 de janeiro do ano seguinte — quando, aí sim, sentencia: “Fim do ciclo dos diários”. No caso de 1950, porém, é provável que ele tenha abandonado a escrita do diário temporariamente, para cuidar de sua malfadada candidatura a deputado federal — uma das tantas tentativas desesperadas para sair do inferno financeiro em que se viu envolto nos anos finais de sua vida.

Pois, se há uma tônica dominante no *Diário confessional*, é exatamente esta: a insegurança econômica que pouco a pouco vai ocupando espaço cada vez maior no registro de um cotidiano atormentado por credores e por infrutíferas iniciativas de vender bens, conseguir empréstimos, negociar hipotecas — termo que surge ao lado de palavras recorrentes como “promissória”, “letra”, “título”, “anticrese”, “papagaio”, pertencentes a um jargão hoje em desuso para designar os compromissos assumidos com instituições de crédito e, sobretudo, agiotas que se aproveitavam da situação de Oswald com empréstimos a juros extorsivos, que aumentavam seu endividamento.

Os problemas de Oswald haviam começado muito antes. Seu pai, que vinha de uma família abastada do sul de Minas, mudara-se para São Paulo em 1881, tornando-se vereador e uma espécie de “latifundiário urbano”, dono da Vila Cerqueira César e de terrenos em bairros como Pacaembu, Pinheiros, Su-

maré e Mooca. Ao morrer em 1919, porém, o vultoso patrimônio de “seu” José Oswald já estava em parte hipotecado.

Inicialmente, esses reverses não alteraram a rotina de viagens transatlânticas glamorosas de Oswald, que viveu seu período áureo durante o casamento com a pintora Tarsila do Amaral, oriunda de uma rica família de cafeicultores — tanto que o escritor chegou a comprar uma das fazendas do sogro. Foi após a crise mundial de 1929, que coincidiu com a separação de Tarsila e sua ligação com a militante comunista Patrícia Galvão, a Pagu, que os problemas econômicos se acirraram, até chegar ao dramático período compreendido por este *Diário*. Aqui, o “homem sem profissão” — que, filho único, herdara imóveis e terrenos hoje localizados em alguns dos bairros mais nobres de São Paulo — está insolvente, seu patrimônio encontra-se desvalorizado ou bloqueado por pendências jurídico-burocráticas, então trabalha feito louco visitando agiotas, corretores, diretores de banco.

Em determinados momentos, Oswald faz lembrar o Naziazeno de *Os ratos*, de Dyonelio Machado (romance que, aliás, ele aponta como um dos melhores da literatura brasileira). A exemplo do anti-herói do escritor gaúcho, que percorre em delírio expressionista a Porto Alegre dos anos 1930, tentando conseguir uns trocados para garantir o leite de seu rebento, Oswald se vê prestes a não conseguir pagar o aluguel da casa e o colégio dos filhos pequenos, Antonieta Marília e Paulo Marcos (nascidos de seu casamento com Maria Antonietta), e entra numa espiral persecutória, demonizando o benfeitor que, na véspera, acenara com um empréstimo ou com a compra de um terreno, mas acabara traíndo o compromisso, aprofundando a desgraça do escritor e afiando suas garras. “A vida é uma calamidade a prestações”; “Proletas e *underdogs*, eis o que temos mesmo que ser neste mundo imundo”, ele escreve, revoltando-se contra as atribulações que comprometem sua saúde cada vez mais debilitada e despertam nele o fantasma da morte e até mesmo do suicídio.

Mesmo no ápice do desespero, porém, Oswald encontra energia criativa para ensaiar um poema que denominou de “Experiência Passaláqua” (em referência ao nome de um dos endereços nos quais morou, a rua Monsenhor Passaláqua, em São Paulo). Esse experimento verbal, no qual se cruzam conflitos familiares e diatribes financeiras, está disperso pelos diários como um *work in progress* e representa um texto poético inédito dentro do ineditismo do conjunto — que inclui ainda alguns esboços, também inéditos, de cenas para um pro-